



Movimentos Ambientais: Tornando-se Poliglota através de Novas Estratégias Comunicativas¹

Zoraia Nunes Dutra Ferreira²
Catarina Tereza Farias de Oliveira³
Faculdade Evolutivo, Fortaleza, Ce

RESUMO

Os movimentos ambientais e ecológicos surgiram com grande força e se transformaram em uma das maiores frentes de mobilização do século XXI. São fruto de um novo foco dos movimentos sociais urbanos, que migraram de questões mais imediatas, para questões mais gerais, permitindo com isso a expressão de novos atores sociais. O “discurso verde” ganha espaço em todas as áreas e se faz presente também na grande mídia, embora a cobertura realizada gere discussões. Com o intuito de falar a seus diferentes interlocutores, não fazem uso apenas da mídia convencional e criam as mais diferentes estratégias comunicativas a fim de atingir seus objetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Ambientais; Movimentos Sociais; Mídia; Sociedade.

1.0 Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo um movimento ambiental que atua na periferia de Fortaleza e que se chama Movimento pela Revitalização do Pólo de Lazer da Sargento Hermínio. Este tem como objetivo principal a proteção e revitalização de uma das últimas áreas verdes da Zona Oeste da cidade, o Pólo de Lazer da Av. Sargento Hermínio. Nasceu em um bairro profundamente marcado pelas lutas sociais e também com larga experiência comunicativa, o Bairro Ellery. Nosso olhar para o Movimento está voltado principalmente para as estratégias comunicativas que este tem criado a fim de estabelecer um diálogo com a comunidade, com a mídia comercial e com o poder público.

Em um primeiro momento, faremos uma análise da trajetória dos movimentos sociais urbanos em Fortaleza para que possamos perceber como estes foram migrando

¹ Trabalho apresentado no GT- Mediações e Interfaces Comunicativas do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social da Faculdade Evolutivo (FACE) em Fortaleza-Ce. E-mail: zoraia.bk@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora da Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará e Faculdade Evolutivo. E-mail: catarinatereza@uol.com.br



de questões mais imediatas para questões mais gerais. É justamente nesse processo de mudança de foco que surge a questão ecológica.

Abordaremos também a trajetória do movimento ambiental e ecológico no Brasil e no mundo, que surgiu como um contraponto à lógica do capital e do consumo e ao processo desenfreado de globalização. Discutiremos ainda a atuação da mídia na cobertura das questões ambientais e na disseminação do “discurso verde”.

Olhando mais diretamente para nosso objeto de estudo, analisaremos a constituição do Movimento e a relação que este faz entre o global e local no que se relaciona ao tema ecologia. Por fim analisaremos as estratégias comunicativas criadas pelo Movimento e de que forma estas se diferenciam da cobertura da grande mídia.

Salientamos que este trabalho tem profundas relações com pesquisa⁴ iniciada em 2006 tendo como objeto de estudo o Site do Bairro Ellery (www.bairroellery.com.br), localizado na periferia de Fortaleza. Este é um primeiro momento de discussão teórica que pretendemos sedimentar com a pesquisa de campo.

2.0 Movimentos Sociais Urbanos – Garantindo Voz e Vez

Os movimentos sociais urbanos surgem na cena pública brasileira em pleno período de redemocratização. Paulo Afonso Barbosa de Brito, consultor da série “Salto para o Futuro” da TVE Brasil os define como sendo:

Agrupamento de pessoas, geralmente das classes populares ou de grupos minoritários (no sentido de serem destituídos de poder) e discriminados, que agem coletivamente, com algum método, realizam parcerias e alianças, abrem diálogos e negociações com interlocutores, como processos articulados para conquistas de direitos e exercício de cidadania. (http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/ems/m_eio.htm)

Segundo Claudette Pagotto (2006), estes movimentos ganharam reconhecimento de sua legitimidade e de suas reivindicações nas décadas de 70 e 80, estabelecendo com isso a necessidade de diálogo político. Vemos aqui um diálogo diferente já que começa a contar com a voz de atores sociais que historicamente não eram ouvidos e com isso

⁴ Conteúdo da pesquisa disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos.asp> e <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/expediente9.htm>



não exerciam influência em decisões a respeito de assuntos diretamente ligados ao seu próprio cotidiano. Irllys Barreira (1992) coloca que esses movimentos são “*signatários de uma certa utopia da gestão igualitária*” e que “*recolocaram o dilema das metrópoles em seu crescimento desordenado*”. (Barreira, 1992, p.11)

As mobilizações no período de 1960 a 1964, em Fortaleza, apareciam principalmente através do movimento sindical focado na luta pelos direitos trabalhistas. Devido a essa força do movimento sindical, o movimento de bairro, embora existisse, não era tão visto. Sobre isso Barreira (1992, p.21) diz que:

O período 60-64 caracterizou-se por fazer convergir os movimentos na esfera sindical, numa ressonância do quadro genérico de mobilizações ocorrentes no país, com o caráter peculiar de formação da classe operária local em luta por direitos trabalhistas que regulamentavam o processo de compra e venda da força de trabalho ao lado de greves de caráter político.

Com a repressão dos anos de chumbo, as organizações sindicais foram perseguidas e desarticuladas e os protestos deram lugar ao silêncio. É neste contexto que começam a haver mudanças em um cotidiano aparentemente dominado pelo autoritarismo e pelas forças elitistas. O silêncio é quebrado quando algumas lideranças migram para os bairros de periferia e começam a atuar junto às associações e novos atores passam a ocupar um lugar na cena pública, tornando-se também protagonistas das lutas por condições básicas de sobrevivência.

Segundo Barreira (1992), este foi o momento em que pessoas comuns como donas de casa e moradores de favelas saíram às ruas para reclamar melhores condições de vida e moradia. A autora diz ainda que o movimento de bairro configura-se a partir deste momento como uma “*reorganização de espaços de lutas desarticulados face ao regime autoritário*” (Barreira, 1992, p.23)

Foi através deste processo que novas formas de sociabilidade cotidianas foram descobertas, uma suposta fragilidade da sociedade civil começou a ser questionada e os caminhos em busca da democracia foram revitalizados.

Hoje, nos mais diversos ambientes, é comum ouvirmos falar em uma crise nos movimentos sociais, que estes foram tomados por uma apatia e que há uma descrença por parte da população que não mais se mobilizaria na luta por causas coletivas. A vez



agora seria do individualismo. Mas será que é isso mesmo que ocorre, ou melhor, será que é só isso que ocorre?

As décadas de 70 e 80 foram momentos de total efervescência onde muito foi conquistado. Maria da Glória Gohn (1994) afirma que a grande conquista deste momento histórico foi a instauração de uma “*nova racionalidade no social*” (Gohn,1994,p.98). Foi a partir disto que pessoas comuns passaram a participar da discussão de questões que lhes diziam respeito assumindo uma nova postura diante sociedade.

Sabemos que esta conquista principal colocada por Gohn não é algo material, logo não é perecível. Surgiu àquela época um poder transformador que não se extinguiu, apenas mudou sua forma de apresentação. As idéias continuam a persistir embora as práticas possam ter mudado.

Na periferia de Fortaleza isso se torna visível através da criação de núcleos de defesa da mulher, de centros culturais como o Espaço Cultural Frei Tito de Alencar (Escuta) e de ONG’s como o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), o Centro de Defesa da Vida Herbert Viana (CDVHS) e do Banco Palmas, isso só para citar alguns. No campo da comunicação popular, as radiadoras, jornais comunitários e depois rádios e TV’s comunitárias se tornam exemplos dessa nova expressão.

Neste contexto surgiram também os movimentos ambientais que na opinião de Gohn (1994, p.101) “*são, certamente, uma das grandes frentes de mobilização no século XXI*”.

É claro que não estamos aqui negando que haja um certo grau de apatia e desmobilização dos movimentos sociais, mas o cenário é complexo e apresenta vários ângulos de observação. Gohn (1994) vê uma crise parcial e diz que esta “*está instalada em certos ramos dos movimentos, mais precisamente nos de ordem popular*” e que isto não é motivo de admiração já que “*uma das características básicas de todo movimento social, quer popular ou não, é seu fluxo e refluxo*” (Gohn,1994,p.101)

3.0 Verde que te Quero Ver

O mundo vem seguindo em um processo desenfreado de industrialização, globalizando-se cada vez mais e pensando o desenvolvimento de uma forma simplista, sem refletir ou discutir sobre os danos causados. Tudo isso tem deixado um grande



rastró de seqüelas que ameaçam a vida no planeta. Nossa intervenção no meio ambiente, com o intuito de tornar nossas vidas mais confortáveis terminam por causar verdadeiras catástrofes com dimensões ainda não totalmente conhecidas. Nos tornando vítimas de nós mesmos.

O desenvolvimento tecnológico tem sido um dos principais vilões das agressões à natureza. Samuel Murgel Branco (1997, p.20) afirma:

À medida que a espécie humana foi desenvolvendo novas tecnologias e ampliando seu domínio sobre os elementos e a natureza em geral, os impactos ambientais foram se ampliando em intensidade e extensão.

Tanta degradação levou a uma reação por parte de alguns grupos e a um despertar do que hoje chamamos de consciência ecológica. Surgem os movimentos ambientais e ecológicos que se contrapõem ao sistema e ao mesmo tempo fazem uso desse sistema. São produtores e produto do cenário onde atuam. Para Castells (1999), o movimento ambiental é o de maior destaque entre os movimentos sociais surgidos a partir e contra a globalização. O autor coloca ainda que:

Se nos propuséssemos a avaliar os movimentos sociais por sua produtividade histórica, a saber, por seu impacto em valores culturais e instituições da sociedade, poderíamos afirmar que o movimento ambientalista do último quarto deste século conquistou posição de destaque no cenário da aventura humana. (Castells, 1999, p.141)

Salientamos que neste trabalho estamos usando os termos ambientalismo e ecologia de acordo com a distinção feita por Manuel Castells (1999). O autor define ambientalismo como sendo:

Todas as formas de comportamento coletivo que, tanto em seus discursos como em sua prática, visam corrigir formas destrutivas de relacionamento entre o homem e seu ambiente natural, contrariando a lógica estrutural e institucional atualmente predominante. (Castells, 1999, p.143).

Distinguindo-o assim de ecologia que define como sendo:



Conjunto de crenças, teorias e projetos que contempla o gênero humano como parte de um ecossistema mais amplo, e visa manter o equilíbrio desse sistema em uma perspectiva dinâmica e evolucionária. (Castells, 1999, p.144).

Como resumo de seu pensamento o autor coloca que: “*o ambientalismo é a ecologia na prática, e a ecologia é o ambientalismo na teoria*” (Castells, 1999, p.144).

Essa nova maneira de pensar o mundo e de repensar a relação entre economia, sociedade e meio-ambiente, se iniciou no mundo na década de 60 em um contexto de surgimento de vários outros movimentos sociais protagonizados por minorias, como os movimentos de mulheres e de negros. Era o momento também em que, segundo Carlos Walter Porto Gonçalves (2000, p.10), “*o movimento operário constituía o eixo em torno do qual se fazia a crítica teórica e prática da ordem instituída e o capitalismo aparecia como a causa de todos os males com que os homens se defrontavam*”.

A grande novidade que os movimentos ambientais e ecológicos trouxeram foi o fato de criticarem não só o modo de produção, mas o modo de vida, as questões presentes e inserir as ações do cotidiano como centro de questionamentos. Gonçalves (2000) afirma ainda que “*é como se observássemos um deslocamento do plano temporal (história, futuro) para o espacial (o quadro de vida, o aqui e o agora)*” e que “*talvez nenhum outro movimento social tenha levado tão a fundo essa idéia, na verdade essa prática, de questionamento das condições presentes de vida*”. (Gonçalves, 2000,p.12).

O Brasil é o país da América Latina onde esses movimentos nascem mais cedo. Segundo Gonçalves (2000) o movimento ecológico emerge no Brasil na década de 70 em um contexto ditatorial que se abateu sobre o movimento sindical e estudantil. O contexto histórico, em termos bem gerais, era o da esquerda lutando contra o imperialismo e o considerando responsável pelo nosso subdesenvolvimento e da direita abrindo as portas do país para o capital estrangeiro, considerando que este seria o grande passo para nosso desenvolvimento. O país estava dominado pelas elites e segundo Gonçalves (2000,p.14), “*as elites dominantes em nosso país não tinham tradição de respeito seja pela natureza, seja pelos que trabalham*”.

Como vimos anteriormente, a preocupação ecológica já se alastrava no mundo causando uma pressão a nível internacional. Isso fez com que o Brasil se apressasse para criar instituições voltadas para o meio ambiente. Gonçalves (2000), coloca que o interesse do Estado era tão somente em garantir os investimentos estrangeiros que só



chegariam caso essas medidas ambientais fossem tomadas, ou seja, não existia realmente uma consciência de cuidado com o meio ambiente.

A luta ecológica verdadeiramente movida por idéias de mudanças profundas no modo de vida e na cultura de nossa sociedade teve grande impulso somente com a Anistia. Gonçalves (2000) coloca que o retorno ao Brasil de exilados políticos que vivenciaram os movimentos ambientalistas europeus trouxe grande enriquecimento aos que aqui estavam.

De lá para cá o interesse por essas questões tem sido crescente. Partidos políticos “verdes” surgiram e o “discurso verde” tem se alastrado. Castells (1999, p.141) inclusive considera que: “*candidatos e partidos políticos dificilmente conseguem se eleger sem “verdejarem” suas plataformas*”. A sociedade civil também tem se mobilizado principalmente através de ONG’s e as empresas têm realizado diversas estratégias de marketing e publicidade a fim de ligar suas marcas à responsabilidade sócio-ambiental. A moda “verde” está em cosméticos, roupas, alimentos, carros, eletrodomésticos, etc. As indústrias procuram se adequar para conseguir o selo ISO 14000⁵ e vão ainda mais longe chegando a mudar suas formas de produção. A gigante *General Electric* fez, em Dezembro de 2004, uma significativa mudança em todas as áreas da empresa. Todos os produtos passaram a ser ambientalmente corretos. Jeffrey Immelt, presidente da empresa e responsável pela mudança, tem o seguinte lema: “*green is green*”, fazendo uma relação direta entre os produtos sustentáveis e os dólares de lucro que eles geram.(Revista Exame-Ed.914-Ano 42- N 5- 26/03/2008 – “O executivo mais verde do mundo”).

A indústria de bens culturais segue os mesmos passos. *Hollywood* seu maior ícone apresenta uma grande leva de filmes politicamente corretos que vão das trapalhadas de *Ace Ventura* à ficção científica de “O Dia depois de Amanhã”.

O grande desafio parece ser o de dar continuidade ao processo de desenvolvimento a fim de suprir as necessidades desta geração sem comprometer a capacidade das gerações seguintes de também suprir as suas, o que é conhecido como desenvolvimento sustentável.

⁵ ISO 14000 é uma série de normas desenvolvidas pela *International Organization for Standardization* (ISO) e que estabelecem diretrizes sobre a área de gestão ambiental dentro de empresas. (http://pt.wikipedia.org/wiki/ISO_14000)



4.0 A Mídia “Verdejou”?

As questões ambientais tem tido ao longo das duas últimas décadas cada vez mais espaço na mídia comercial. A maioria dos meios de comunicação de massa já tem editorias específicas para tratar do assunto e surgiu inclusive o Eco-Jornalismo, uma especialização que tem como objetivo, tornar os jornalistas mais aptos à cobertura desses assuntos. Os autores são unânimes em dizer que esse maior espaço para questões ambientais foi conquistado após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada em 1992 no Rio de Janeiro que ficou conhecida como Eco-Rio 92.

O fato da mídia de massa cobrir as questões ambientais de forma até rotineira faz com que estas passem a ser conhecidas do grande público e deixem de ter um caráter extremamente técnico e uma linguagem que apenas os cientistas são capazes de entender. Sem dúvida este é um fato positivo, mas será que é mesmo a mídia uma aliada dos movimentos ambientalistas e ecológicos?

Sabemos que as idéias que estão no cerne desses movimentos e a própria discussão das questões ambientais vão diretamente de encontro à sociedade de consumo e à lógica do capital que tem como principal porta-voz a mídia de massa. As idéias reproduzidas pela mídia como consumismo, violência, desperdício, preconceito são totalmente conflitantes com as idéias de respeito e proteção ao meio-ambiente. Sendo assim, é possível que esta mesma mídia se coloque como aliada do “discurso verde”? Como pode servir a dois senhores?

Dentro desta discussão, Jane Magali Rocha Alves (2002) explica que a mídia, de uma forma geral, tem tendência a destacar as grandes catástrofes, as grandes devastações. Segundo ela, é apenas a “natureza agonizante”, a “natureza na UTI” que se torna interessante para a grande mídia, que se torna notícia e que “a mídia globalizada termina por quebrar a relação do indivíduo com o seu entorno” (http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_COMUNICACOES_ALVES.pdf). Também importante é a concepção de Souza (2006) quando diz que a mídia tem “uma tendência de comentar com maior ênfase os problemas ambientais distantes do que os próximos aos veículos de comunicação que os divulga” e que esta cobertura “leva mais à perplexidade do que à ação”. (http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_BoasSouza.PDF).



O que percebemos é que a mídia cobre os acontecimentos relativos ao meio-ambiente, mas não problematiza os contextos como, por exemplo, as desigualdades sociais e as condições miseráveis de vida que sabidamente são uma das grandes causas de degradação ambiental. Não ousa apontar responsáveis e nem chamar os cidadãos à sua responsabilidade diante dos fatos, pois isso pode vir a ferir interesses, ou seja, a mídia não perde de vista o mercado e nem o anunciante que a mantém.

Entendemos que é a partir de um discurso superficial, diluído e fragmentado, que se torna possível para a mídia cobrir a questão ambiental e ao mesmo tempo manter o seu discurso que coloca o consumo como regra e uma forma de exercer a liberdade.

A questão é, sem dúvida, bastante complexa. A comunicação, como qualquer sistema, tem suas brechas e permite muitas vezes a coexistência de diferentes discursos. Os movimentos ambientais e ecológicos, já nascidos neste contexto midiático, têm usado habilmente a mídia como instrumento para dar visibilidade a suas causas, garantindo com isso o apoio da sociedade e gerando pressão sobre o poder público e sobre empresas que, de alguma forma, desrespeitam o meio ambiente. O que veremos com relação ao Movimento pela Revitalização do Pólo de Lazer as Sargento Hermínio é não apenas o uso da mídia, mas a criação de novas estratégias comunicativas.

5.0 Movimento de Revitalização do Pólo – Global e Local Interagindo

O Pólo de Lazer da Sargento Hermínio localiza-se próximo a uma das avenidas mais movimentadas de Fortaleza no Ceará, a Avenida Sargento Hermínio, e como dissemos anteriormente, é hoje uma das últimas áreas verdes da zona Oeste da Cidade. Fica nas proximidades dos bairros Ellery, Monte Castelo, Presidente Kennedy e São Gerardo. Com o tempo este espaço multifuncional e crucial para a respiração da cidade foi sendo negligenciado, mas ainda assim, continua sendo utilizado para a prática de caminhada, esportes radicais como o *le parkour*, *skate* e *bicicross* e também para prática de exercícios de pessoas da terceira idade.

A situação ainda pode ser mais agravada devido a um projeto da Prefeitura de Fortaleza que visa a construção de um ginásio poliesportivo e um anfiteatro dentro do Pólo de Lazer, o que causaria um verdadeiro crime ambiental.

Inconformados e preocupados com a situação, uma parcela da população juntamente com as lideranças e entidades do Bairro Ellery resolveram se contrapor ao projeto da Prefeitura e em Maio de 2007 criaram o Movimento pela Revitalização do



Pólo de Lazer da Sargento Hermínio. A estes atores, aos poucos, uniram-se intelectuais, ambientalistas, arquitetos, urbanistas e estudantes moradores das mais diversas áreas da cidade. Percebemos aqui como o Movimento permite a diversidade em sua composição, tornando-se assim multifacetado e esta é uma das características mais marcantes dos movimentos ambientais. Conforme diz Souza (<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1412-1.pdf>):

O movimento ambientalista é um dos poucos que circula com desenvoltura por entre as diversas identidades culturais que compõem o ambiente pós-moderno. O discurso verde é global e local ao mesmo tempo, envolve homens e mulheres, negros e brancos. Adapta-se ainda aos ricos, quando propõem um consumo não agressivo à natureza e abre uma esperança para os pobres quando defende uma vida sustentável para todos.

Esta característica, que espelha a própria diversidade que há na sociedade, não enfraquece o Movimento, ao contrário o torna mais forte pela riqueza de experiências que cada um desses atores irá doar em prol da causa.

O Movimento tem procurado embasamento técnico para suas reivindicações e para isso realizou levantamento geográfico, ambiental e social na área chegando à conclusão que o projeto da Prefeitura, se colocado em prática, irá sacrificar aproximadamente 30 árvores centenárias, impermeabilizará o solo inviabilizando, em médio prazo, o funcionamento do chafariz existente no local, causará distorção na identidade visual e ainda levará riscos à nascente do rio Alagadiço que se localiza no interior do Pólo. Juntamente com este levantamento técnico realizou também uma consulta popular com moradores da comunidade e frequentadores do Pólo para saber a opinião destes a respeito de quais seriam as principais demandas para a revitalização do espaço. A consulta foi realizada tanto pela Internet, através do *site* do Bairro Ellery (www.bairroellery.com.br), como também em campanhas realizadas no próprio Pólo. Todo esse denso material, veio a compor o documento intitulado “Vida para o Pólo”. O mesmo foi entregue à Prefeitura de Fortaleza em 2007 e é hoje um forte instrumento de pressão para resolução do problema.

Entendemos que o Movimento tem uma enorme importância para a comunidade do Bairro Ellery que mostra mais uma vez a sua força de mobilização. O Bairro há meio século, vivencia de perto as mais diversas lutas sociais e também a comunicação.



Segundo Oliveira e Ferreira (2007) a comunidade criou suas radiadoras, que depois se transformaram em uma rádio comunitária FM, a Rádio Mandacarú. Com o fechamento da rádio, novas experiências têm surgido, como é o caso do *Site*. O movimento ambientalista é a grande novidade neste cenário.

Um dos diferenciais na atuação do Movimento pela Revitalização do Pólo é o de promover a inter-relação entre os bairros próximos, já que não é apenas a população do Bairro Ellery que faz uso do espaço do Pólo. Outro diferencial é a possibilidade criada para interlocução com pessoas de outras áreas da cidade e que não necessariamente estão ligadas aos movimentos sociais. Tudo isso influencia diretamente na construção de uma auto-imagem positiva tanto do bairro como de seus moradores, já que a periferia passa a ser visualizada não apenas como um espaço de violência, mas sim de lutas de reconhecida importância não apenas para o local, mas para toda a cidade.⁶

A questão ecológica, que é global, é aqui discutida de forma local e esta discussão local pode vir a se tornar global, dependendo de como esses atores se apropriem das novas tecnologias de comunicação e dos apoios que passem a ter para isso.

Essas pessoas parecem não ter ficado apenas na condição de perplexidade diante da cobertura feita pela grande mídia com relação às questões ambientais. Conseguiram ver o que lhes está próximo, a degradação do meio que os cerca. Tal fato nos mostra quão diversificada é a recepção e como as informações veiculadas sofrem diferentes apropriações. Castells (1999, p.146) considera de grande valor este tipo de Movimento e diz que:

A mobilização das comunidades locais em defesa de seu espaço, contrária à introdução de usos indesejáveis do meio ambiente, constitui a forma de ação ambiental que mais rapidamente vem se desenvolvendo nos últimos tempos, e talvez seja capaz de estabelecer a relação mais direta entre as preocupações imediatas das pessoas a questões mais amplas de degradação ambiental.

Com pouco mais de um ano de existência o Movimento tem conquistado visibilidade e está prestes a ver o seu objetivo alcançado. A Prefeitura recuou e não mais construirá o ginásio dentro do Pólo de Lazer. Elaborou projeto orçado em R\$ 309.000 para a revitalização do local cuja base é o documento “Vida para o Pólo”. O início das

⁶ Mais em http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_b.htm



obras estava previsto para 15 de Junho de 2008, mas ainda não começou. Apesar do atraso, todos estão otimistas.

6.0 Estratégias Comunicativas de um Movimento Poliglota

Algo marcante e inovador com relação ao Movimento pela Revitalização do Pólo é a capacidade que este tem mostrado de criar as mais diversas estratégias comunicativas para ser visto e ouvido, não só pela comunidade, mas também pela mídia e pelo poder público. A primeira ação foi a campanha realizada com os moradores e frequentadores do Pólo, que como dissemos, se deu através do *Site* do Bairro Ellery (www.bairroellery.com.br), e também no próprio Pólo. O uso da Internet trouxe a praticidade e um maior de alcance, além de levar as pessoas a acessarem o *Site* do Bairro. Veremos posteriormente o quanto este é um instrumento de vanguarda que tem se tornado de extrema importância para a comunidade. Já as campanhas no Pólo criaram um espaço de reflexão e discussão sobre a questão ambiental. Até um programa de rádio realizado ao vivo do próprio Pólo.

Outra forma de mobilização e conscientização veio através da ação denominada “Cinema no Pólo” onde eram apresentados filmes e documentários que abordavam a temática ambiental. As pessoas tiveram desta forma uma possibilidade de obter informações sobre o tema através de outro meio que não os jornais e a TV e com isso ter mais subsídios para a reflexão.

No Dia da Árvore em 2007, alunos das três escolas públicas da comunidade foram levados ao Pólo para plantar árvores e fazer um passeio a fim de conhecer melhor o espaço. Durante o passeio, muitas informações sobre cuidados com o meio-ambiente foram passados no intuito de ajudar a criar uma consciência ambiental desde cedo.

Talvez a mais criativa estratégia comunicativa tenha sido o uso do próprio bloco de pré-carnaval do Bairro, o “Sai na Marra”, como mídia de divulgação. O tema do Bloco em 2008 foi: “A mata não é mais virgem. O vento não é mais fresco. Mas o bloco é ecológico”. O Movimento fez uso de uma festa popular extremamente atrativa para trabalhar mudanças de valores e conceitos e principalmente para fazer pensar. Foi uma ação que também permitiu uma relação com outros bairros já que pessoas de diversas áreas da cidade se deslocavam para o Bairro Ellery a fim de participar da folia. Esta ação também fez com que o Movimento, indiretamente, estivesse na mídia, através da cobertura feita dos blocos de pré-carnaval nos bairros de Fortaleza.



O Movimento não se preocupa apenas em falar com a comunidade, ele também fala com o poder público e gera instrumentos capazes de pressioná-lo, como é o caso do documento “Vida para o Pólo” e das matérias produzidas pelo *Site*. Seus participantes estão em constante diálogo com as autoridades locais, inclusive levando essas autoridades para discussão no próprio Pólo. Vemos aqui exatamente o que Castells (1999, p.163) coloca quando diz que o movimento ambientalista procurou não apenas conscientizar, mas sim exercer influência na legislação e nas atitudes tomadas pelos governos.

A interlocução com a mídia de massa também têm sido uma constante. Vemos que o Movimento consegue inclusive pautar essa mídia através de suas ações. Não são raras reportagens nos dois principais jornais da cidade ou nas televisões locais, com isso de local a questão começa a se tornar global. É exatamente esta maior visibilidade que o Movimento busca para que com isso adquira maior apoio e possa passar a exercer maior pressão.

Além da grande mídia, o Movimento tem no *Site* do Bairro Ellery uma importante possibilidade de se tornar visível de uma forma barata e dinâmica. Criado a pouco mais de dois anos por um grupo de moradores do próprio Bairro, o *Site* vem funcionando como uma vitrine para o Movimento, que têm um *link* somente para suas notícias e discussões. Evidencia as diversas ações que ocorrem na comunidade e é sem dúvida um forte instrumento usado, quando necessário, para pressionar o poder público. O alcance desta mídia foi comprovado recentemente quando o ex-governador Lúcio Alcântara, após se inteirar da existência do Movimento, veiculou em seu *blog*, a informação de que o terreno que fica ao lado do Pólo havia sido desapropriado na gestão dele. O terreno é motivo de discussão entre a Prefeitura e o Movimento que sugere que o ginásio seja construído neste espaço, ao invés de dentro do Pólo. Até a ocorrência deste fato, a Prefeitura afirmava desconhecer a desapropriação.

Observamos através de todas essas ações, o quanto o Movimento faz uso do processo dialógico tornando-se, desta forma poliglota. Com eficiência fala a língua da comunidade, a língua do Estado e a língua dos cientistas.

7.0 Considerações Finais

Acreditamos que os movimentos ambientais e ecológicos têm papel essencial no processo de repensar a lógica da vida em sociedade para que a própria vida possa



continuar a existir. Para que haja essa profunda mudança, porém, entendemos que o “discurso verde” precisaria ser consumido de forma rotineira tornando dominante o que hoje é alternativo. A Comunicação e suas novas tecnologias têm um papel preponderante nesse processo. Apropriar-se das poderosas armas de disseminação de informações é condição *sine qua non* para que transformações realmente significativas ocorram.

Através do exemplo do Movimento por nós estudado vemos este processo de apropriação da comunicação acontecendo e novas estratégias comunicativas sendo criadas para que as reivindicações tenham maior visibilidade e alcance, além de induzir à discussão da questão ambiental dentro do contexto urbano. Outro fator que merece destaque é a capacidade de diálogo que o Movimento tem tido com o poder público e o embasamento técnico que tem apresentado nestes momentos, o que sem dúvida faz com que as reivindicações ganhem ainda mais legitimidade.

Sabemos que ainda há muito a ser explorado principalmente no que se refere ao uso da Internet como instrumento mobilizador. Acreditamos que isso poderá vir com o amadurecimento do Movimento, que tem apenas pouco mais de 01 ano de existência, mas sabemos que também é necessário apoio no que se refere diretamente ao uso desta tecnologia.

Em tempos de individualismo em alta, consideramos de grande importância o fato de pessoas se unirem em prol de uma causa coletiva e quando essas pessoas não são apenas parte da comunidade mais diretamente atingida, o fato se torna ainda mais relevante. Nos perguntamos, porém, o quanto essas pessoas estão realmente dispostas a mudar a natureza de suas vidas e repensar seus hábitos. Ações mais educativas seriam necessárias para que se chegue a esse ponto. Em posterior pesquisa de campo, nos interessa saber como o Movimento se posiciona a respeito desta questão e em se concretizando o projeto de revitalização do Pólo de Lazer, que ações darão continuidade ao Movimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jane Magali Rocha. **O Papel da Mídia na Informação Ambiental**. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_COMUNICAC_OES_ALVES.pdf

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso das Vitrines: Conflitos urbanos e Cultura Política em Construção**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BRANCO, Samuel Murgel. **O Meio ambiente em Debate**. 26.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BRITO, Paulo Afonso Barbosa. **Educação e Movimentos Sociais**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/ems/meio.htm>

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2000

Histórico dos Movimentos Ambientais no Brasil e no Mundo. Disponível em: <http://www.fec.unicamp.br/~bdta/premissas/historico.htm>

OLIVEIRA, Catarina e FERREIRA, Zoraia. **Os Movimentos Sociais na Rede: Usos e Estratégias Comunicativas**.

Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/05/artigos.asp>

OLIVEIRA, Catarina e FERREIRA, Zoraia. **Os Movimentos Sociais na Rede: Produção de Notícia e Valorização de Sujeitos**.

Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_b.htm

PAGOTTO, Claudete. **Movimentos e Práticas Sociais no Jogo das Transformações Político-Econômicas**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá/PR, v. 1, p. 1-3, 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/if/marx/documentos/22/Movimentos%20e%20pr%20eticas%20sociais....pdf>

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Jean Carlos Vilas Boas. **Comunicação e Movimento Ambientalista: Bactéria Verde dentro do Organismo Global**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1412-1.pdf>

SOUZA, Jean Carlos Vilas Boas. **Cidadania Verde na Sociedade da Comunicação: Caminho para Mudar o Organismo Global**. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_BoasSouza.PDF

www.bairroellery.com